



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS



“A CAIXA – PRETA”

Maria Clara Araújo Guedes

Rio de Janeiro

2013

MARIA CLARA ARAÚJO GUEDES

“A CAIXA-PRETA”

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na Habilitação Português/ Hebraico.

Orientador: Prof. Dr. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2013

Guedes, Maria Clara Araújo .

O99kgu

A caixa-preta / Maria Clara Araújo Guedes. –

Rio de Janeiro: UFRJ, 2013

30 f.

Orientador: Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira.

Monografia (graduação em Letras Licenciatura Português – Hebraico) –  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de  
Letras.

Bibliografia: f. 29-30.

1. Oz, Amós, 1939- . *A caixa-preta* – Crítica e interpretação. 2. Oz,  
Amós, 1939- . *A caixa-preta* – Personagens. 3. Romance epistolar hebraico. 4.  
Israel – História. 5. Sionismo. 6. Conflito árabe-israelense. 7. Literatura e  
história – Israel. I. Oliveira, Leopoldo Osório Carvalho de. II. Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. III. Título

CDD 892.43

## AGRADECIMENTOS

Deus, pelo dom da vida, força e saúde.

Aos meus pais, pela coragem de me trazerem a este mundo quando as circunstâncias diziam não.

À minha irmã e sobrinha pela compreensão de minhas ausências

Ao professor Dr. Leopoldo, pelo carinho, dedicação, compreensão com que tem me ensinado a pensar academicamente e pelo exemplo de humanidade que extrapolam os limites da academia.

À professora Dra Cláudia Andréa Prata Ferreira, pelos conselhos que vão além da academia.

A todos que encontrei pelo caminho e que contribuíram na caminhada

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	6
CAPÍTULO I – O ARTISTA .....	10
CAPÍTULO I I– TEMAS IMPORTANTES .....	13
A sociedade israelense na década de 70.....	13
A dissolução familiar .....	17
Estrutura do romance .....	19
CAPÍTULO III – PRIMEIRA E ÚLTIMA CARTA DE ILANA, COMENTÁRIOS .....	23
Primeira Carta .....	23
Última carta.....	26
CONCLUSÃO .....	27
REFERÊNCIAS .....	29
REFERÊNCIAS RECOMENDADAS.....	30

## INTRODUÇÃO

A presente monografia é mais uma etapa do projeto de iniciação científica iniciado em 2011, intitulado: “Descer para Subir: Construção e Crítica da Noção de Israelidade em Obras Ficcionalis e Ensaísticas de A. B. Yehoshua”. Neste projeto do Prof. Dr. Leopoldo a principal proposta é a investigação de como autores israelenses, de diversos ramos culturais da sociedade, apresentam e abordam o tema do conflito árabe-israelense, nas suas obras.

A trajetória da pesquisa começou com a leitura de textos, que constituíram o aporte teórico. Eles serviram para clarificar questões como etnia, nação, nacionalismo, a formação do Estado de Israel, as fases da literatura hebraica moderna e revelar como autores de maior destaque no cenário literário abordam o tema em suas obras.

Feitas as leituras e orientações, foi definido o primeiro autor e o “corpus”: Avraham Bulli Yehoshua e seu romance *O Sr. Máni*. Yehoshua é de origem sefardita, judeus provenientes da Península Ibérica, esse termo abarca também judeus oriundos dos países africanos e de outros países do Oriente Médio, tais como Yêmen, Arábia Saudita, Iraque, entre outros.

Nesse romance constituído de cinco conversas, ocorridas em épocas diferentes de 1848 a 1982, o autor situa seus personagens em locais e situações históricas importantes para o povo judeu. O conflito é mostrado entre árabes e judeus inicialmente, antes da formação do Estado e a visão é de uma relação mais ou menos harmônicas entre esses e aqueles.

A quinta conversa situada depois da formação do Estado, revela a constituição multicultural do Estado, askenazitas, judeus provenientes do leste europeu e sefarditas, e aponta para a questão de que os sefarditas por serem, muitos deles, oriundos de países árabes, estão mais acostumados ao modo de viver do povo árabe do que os israelenses askenazitas, de costumes mais ocidentalizados.

O segundo romance a integrar o “corpus” é *A Caixa-preta*, de Amós Oz. Esse autor, mais conhecido que o anterior, é de origem askenazita. Nasceu em Jerusalém, no ano de 1939 e participou de duas Guerras importantes para o Estado de Israel: da Independência em 1948 e a dos Seis Dias em 1967. Mas a experiência nos campos de guerra não o tornou “pobre de experiência”, na nomenclatura de Walter Benjamin e não influencia em sua escrita a ponto de torná-la uma propaganda pró ou contra governo.

No romance percebe-se um autor capaz de descrever o ambiente em que vivem seus personagens. As descrições são bastante poéticas, o cenário assume seu papel de ser apenas

um pano de fundo. O que salta aos olhos do leitor são as questões profundas que incomodam o homem desde seu início.

Em *A caixa-preta*, o autor apresenta um casal, que depois de sete de divórcio, volta a se comunicar, em um primeiro momento, devido aos problemas pelos quais o filho gerado desse relacionamento vem apresentando. Cada personagem representa um elemento constitutivo da colcha de retalhos que é sociedade israelense e por meio deles é possível se verificar os caminhos e rumos que o país tem tomado ao longo dos anos desde sua constituição.

Por manter a capacidade de transformar a realidade que o circunda em material poético, Amós Oz é um escritor que produz uma escrita que pode ser olhada e interpretada por diferentes prismas, porque não é um manifesto em defesa da voz de ninguém. Como exemplo, a seguir três capas do romance e, os diversos focos assumidos por cada ilustrador:



Nesta capa da edição hebraica, pode-se perceber que o ilustrador utiliza-se de uma paisagem semelhante a uma estepe, tal ilustração, revela um olhar sobre os aspectos da paisagem, muito evocada por Ilana e também porque os personagens, principalmente Ilana constitui em muitos momentos alegorias da Terra de Israel com todos os seus acertos e os seus desacertos.

A mãe que gera, mas nem sempre consegue nutrir suficientemente, que se divorcia do pai, que se cansa da rotina, que adultera. Essa comparação da terra com a mulher é algo bem antigo e muito frequente nas narrativas do *Tanach*.

Filho do homem mostra a Jerusalém todas as suas abominações. Tu lhe dirás: Assim diz o Senhor Iahweh a Jerusalém: Por tua origem e por teu

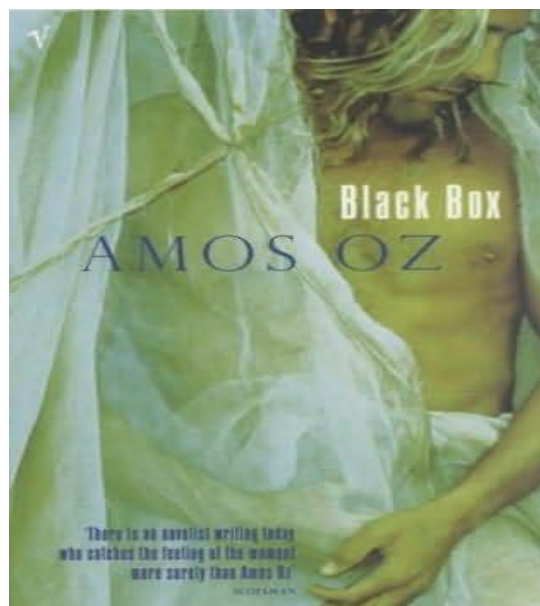
nascimento, tu procedeste da terra de Canaã. Teu pai era amorreu e tua mãe, heteia. (...) Cresceste, te fizeste grande, chegaste à idade núbil. Os teus seios se firmaram, a tua cabeleira tornou-se abundante, mas estavas inteiramente nua. Passei junto de ti e te vi. Era o teu tempo, tempo de amores, e estendi a aba da minha capa sobre ti e ocultei a tua nudez; comprometi-me contigo por juramento e fiz aliança contigo – oráculo do Senhor Iahweh - e te tornaste minha (BSJ, Ezequiel, 16, 2-3; 7-8).

O matiz marrom confere à ilustração um tom terroso, O marrom está em quase todos os objetos do romance, ora evocando pó ora discrição. O mesmo também revela que o ilustrador israelense privilegiou uma leitura do empoeirado, do envelhecido, pois a passagem do tempo é uma metáfora utilizada nos escritos de Oz. Tanto Alex descreve a decrepitude do corpo de Ilana, quanto ela a dele, abaixo um exemplo de Alex em carta de 28/06/76 descreve o envelhecimento de Ilana.

Você se extinguirá bem depressa, Madame Sommo. Envelhecerá. Engordará muito. Seu cabelo dourado ficará sem brilho. Você precisará tingi-lo de loiro oxigenado abominável. Ou passará a usar turbante. Você será obrigada a mergulhar em desodorantes os cheiros de seu corpo em decomposição. Seus seios se encherão de gordura e o seu estonteante, como acontece com as matronas polonesas, crescerá até o queixo. O queixo, por sua vez, se estenderá até quase encontrar o peito. (...) Com rangidos, precisará conter em espartilhos as cascatas de sua carne. (OZ, 2007, p. 99)

A terra mostrando que tudo muda e que as mudanças são bem vindas para um, mas podem ser aterrorizadoras para outro. O autor sinaliza com isso que tudo altera coisas boas para ruim e ruim para coisas boas: “(...) O tempo está passando, Alec, e nós dois estamos murchando” (OZ, 2007, p. 18). Em suas entrevistas Oz sempre defende que um dia israelenses e palestinos se entenderão e viverão com respeito mútuo e em paz.

A edição em inglês





O ilustrador mostra um belo jovem nu coberto apenas por um véu transparente. Esse mancebo é Boaz, filho de Ilana e Alex e que pela descrição se assemelha aos personagens dos escritores pertencentes à Geração da Terra, fortes, loiros, bronzeados. A escolha desse personagem mostra que Oz é bastante comercial, pois a imagem é atraente e atrai leitores, principalmente femininos.

A nudez e o velamento, porém não visam somente ao comercial, mas demonstram a trajetória que este jovem apresentará. Ele aparece descrito pela mãe primeiramente sem contornos muito bem definidos e aos poucos vai crescendo até o final em que está liderando o grupo da propriedade de Zirchon, cuidando do pai que doente retorna para Israel para se tratar de um câncer e apresentando uma postura ética e humanitária superior ao dos personagens religiosos, como Michel.

O personagem Boaz recebe a propriedade do pai por herança e aos poucos devolve vitalidade ao local, que nos meses anteriores chegou-se a cogitar a venda. Está é uma bela alegoria de que o país não ficará abandonado, mas que os jovens constituem-se a esperança de continuidade da nação. Essa nova geração não rompe com o passado, apenas o reelabora de modo crítico, pois Boaz cuida do pai que o maltratou no passado e trata a mãe com carinho.

Além disso, o jovem Boaz demonstra uma capacidade de assimilar as múltiplas culturas constituintes da nação israelense, pois é a favor da divisão da terra como os árabes e trata carinhosamente a irmã Yifat, uma mistura de askenazita (Ilana) e sefaradita (Michel):

“E você deixa este coisa foder você toda noite? ’Depois estendeu a mão, tocou meu cabelo e disse numa voz diferente, que machuca meu coração quando lembro: ‘Mas o bebê de vocês é bem bonito’” (OZ, 2007, p. 9).

A edição em português



A capa da Companhia das Letras apresenta como foco ilustrativo a silhueta de um homem e uma mulher de costas inseridos em planos de fundo diferentes. Por essa capa, vê-se que a ilustração privilegiou o título e parte da carta em que os personagens dizem que estão desvendando suas caixas-pretas por meio de correspondência. Aqui Alex e Ilana são os protagonistas, ficando mais próxima do pensamento do autor Amós Oz.

Por tais comparações vê-se a riqueza interpretativa oferecida pelo romance.

## CAPÍTULO I – O ARTISTA

Nietzsche defendia que uma obra possuía existência própria e procura de alguma maneira diminuir o trabalho do autor. Heidegger, por sua vez, em seu livro *A origem da obra de arte*, defende ser impossível se observar uma obra de arte seja ele escrita, esculpida, musicada, sem pensar e sem investigar o responsável, a origem da obra é o artista, pois esse é o responsável por “trazer á frente” a matéria (letra, mármore, sons) e revelar o que nela estava dormindo.

Levando-se em conta a defesa de Heidegger, pode-se perceber que esse filósofo reabilita o artista como parte importante para compreensão de sua obra, dedica-se o início dessa escrita ao conhecimento do autor do romance *A caixa-preta*, que constitui o “corpus” dessa monografia: Amós Oz.

Amós Oz, nome de nascimento: Amós Klausner nasceu no dia 04 de maior de 1939 na cidade de Jerusalém. Seus pais eram oriundos de Odessa na Ucrânia e chegaram à Palestina em 1933, durante o Mandato Britânico. Tanto avós e pai eram intelectuais, acadêmicos e falantes de vários idiomas de origem europeia, mas apenas ensinaram para Amós o hebraico, pois tinham receio que se o filho entrasse em contato com o idioma europeu se encantasse por ela e lá fosse morto.

O pai de Amós Oz era um estudioso de inclinações políticas de direita sionista, ou seja, entendia que a Palestina deveria ser ocupada apenas por judeus, que receberam essa região como herança pelo próprio Deus e, por isso, deveriam lutar por ela. A postura radical do pai não era bem vista pelo filho.

Quando tinha 12 anos sua mãe, Fania Mussman, se suicida. O filho sente que algo está muito errado no mundo para que uma pessoa tão bondosa como Fania resolvesse atentar contra a própria vida para sair dele. Em 1954, com 15 anos, por divergências com o pai, sai de casa e passa a morar no Kibutz Hulda. Nesse local estudou e concluiu o Ensino Médio.

Em 1961 completa o serviço militar, volta ao Kibutz para trabalhar nos campos de algodão e por este mesmo tempo, obtém o diploma de bacharel em Filosofia e Literatura pela Universidade Hebraica de Jerusalém. Com ainda vinte e poucos anos Oz começa a publicar seus primeiros contos em uma revista chamada Keshet e neste período dividia o tempo entre ser escritor e ser professor do ensino secundário no Kibutz Hulda.

Como soldado de reserva em uma unidade de tanques, Amós Oz lutou em frente ao Sinai durante a Guerra dos Seis Dias em 1967, e sobre as Colinas de Golã em outubro de 1973 na Guerra do Yom Kipur. Quanto a sua participação em conflitos armados ele explica que não luta por lugares sagrados, mas para conter agressão venha de onde vier.

Oz entende que seu país é um campo de refugiado e que o motivo da chegada de judeus à Palestina foi a perseguição sofrida por eles na Europa, assim ele menciona em uma entrevista de 2005 concedida para Elizabeth Carvalho.

“Em grande parte, escrevo sobre famílias, não sobre nações. Mas posso ver que Israel é um campo de refugiados. Um campo muito inseguro. Aliás, a Palestina também é um campo de refugiados, o que torna esses conflitos tão trágicos. É uma tragédia entre dois campos de refugiados. Minha própria família... nasci aqui, mas a minha família veio para cá escapando por pouco da Europa, nos anos 30, pois era perseguida e indesejada em qualquer país. Não vieram porque tinham alguma ambição colonialista ou para enriquecer, nem por um sentimento religioso ou bíblico. Esse era o único bote salva-vidas disponível. Eles eram europeus. Eram políglotas, sabiam muitas línguas. Eles gostavam da arte, da paisagem, da herança e das várias literaturas. Eles amavam a Europa e ela nunca os amou em troca. (...) Isso é crucial para entender meu trabalho: sou o filho de refugiados indesejáveis. Pessoas que ninguém queria em lugar algum do mundo.” (youtube).

Esperançoso que um dia o país seja dividido entre Israel e Palestina, Oz, no entanto, sabe que esse é um processo lento e demorado que não terminará como um filme de “Hollywood”, com os dois oponentes se abraçando e se perdendo em lágrimas e concedendo terras um ao outro.

Como ativista político, no início de 1960, era ativo no grupo social - democrata Min Hayesod, que se opôs ao culto à personalidade em torno primeiro-ministro israelense David Ben- Gurion, bem como seu centralismo estatal. Desde 1967, ano em que lutou na Guerra dos Seis Dias, ele tem sido ativo em diversos grupos e organizações do movimento de paz israelense, que defende uma solução de dois Estados para o conflito israelo-palestino. Esteve envolvido no Comitê de Paz e Segurança (1967) e nos movimentos Moked Sheli, tem sido um dos principais porta-vozes do movimento Paz Agora, desde a sua fundação, em 1977. Desde

2003, Amos Oz é um dos líderes da “Iniciativa de Genebra” - um movimento de paz israelense-palestino. Em 2008 ele foi um dos financiadores do "Movimento Nova - Meretz".

Reside atualmente em Arad, localidade no deserto do Negev e leciona Literatura Hebraica na Universidade Ben Gurion.

Quanto ao estilo de escrita, Oz apresenta em suas narrativas a revelação da realidade da vida. Esse é um traço da arte moderna: realismo. Porém, não menos ficcional, pois toda lembrança é ficcional. Os elementos que utiliza para contar suas histórias são repetitivos, mosaicos e diversos, pois assim acontece na dinâmica da vida.

Seus personagens são parecidos e em muitos momentos um pode adentrar ou complementar a história do outro, como ocorre no pensamento de Kohelet, “não há nada de novo sob o sol”. No trecho do romance autobiográfico “*De amor e trevas*”.

Todas as manhãs, ou um pouco antes ou um pouco depois do nascer do sol, eu costumo dar uma volta para ver o que há de novo no deserto, o deserto começa aqui, em Arad, bem no final da nossa rua. Os montes Edom ainda estão encobertos pela névoa que sobe do Mar Morto e barra os primeiros raios do nascer do sol, com seu véu opaco, como se não fosse verão, mas outono. Porém é um falso outono, em duas ou três horas, tudo por aqui estará quente e seco, como ontem, como anteontem, como na semana passada e como no mês passado. Por enquanto, o frio da noite ainda persiste, há um cheiro agradável de terra muito orvalhada misturado a um leve odor sulfúrio com traço tênue de esterco de cabra, arbustos espinhosos e fogueiras apagadas, este é o cheiro de Eretz Israel desde os primórdios. (youtube)

No fragmento acima, a ida do autor ao deserto pelo busca do novo esbarra com um cenário igual aos dias e meses passados. Desde o início nada muda. A mesmice, porém não constitui para esse autor um fastio, mas algo digno de ser narrado e descrito de maneira tão bela e delicada capazes de despertar o desejo de passear por esse mesmo local, igual desde sua fundação. Isso acontece porque a vida e os seres humanos em geral pajeiam a si mesmos todos os dias.

O cotidiano, o microcosmo do universo humano, tornam-se ficcionais na obra de Amós Oz. Pela permanência e constância a poeira dá novas cores, ou embaça as cores do real.

Seus personagens representam pessoas comuns que sonham com o melhor, esse anseio, porém sempre esbarra em algum obstáculo que nem sempre é quebrado. Há em seus escritos uma latência, um prenúncio que parece nunca se enuncia. Tal sentimento de frustração encontra convergência em leitores de várias partes do mundo, pois a frustração é pressuposto do viver, que já começa no ventre no momento do nascimento quando o útero materno se contraiu expulsando o homem de seu conforto e contra sua vontade.

Como narra o cotidiano em que vive os romances de Amós Oz trazem ao leitor uma visão do Estado de Israel, diferente da imagem violenta apresentada pelos meios de comunicação. Mostram a alma de um povo, que apenas deseja viver em paz, pelo menos em seu exterior para que possa dedicar-se a si mesmo e diluir suas dores existências internas.

Embora narre coisas comuns, a leitura de Amós Oz em nenhum momento enfastio, porque a maneira como são expostas: de maneira crua, despertam um desconforto, uma necessidade de reflexão profunda, torna o leitor um filósofo, à medida que é impossível passar pelo que é narrado sem pensar nessa experiência. Seus personagens despertam amor, compaixão. Às vezes o desejo de copiá-los, por outras o desejo de se afastar o máximo possível deles, para não se reconhecer ali.

Assim alguns temas presentes na sociedade israelense são apresentados, para este foram escolhidas duas cartas escritas pela personagem Ilana Sommo para “fruição” da “aura” do romance *A caixa-preta*.

## CAPÍTULO I I– TEMAS IMPORTANTES

### A sociedade israelense na década de 70

Para se entender como o Estado de Israel foi formado, depois de aproximadamente dois mil anos de Diáspora é importante efetuar um recuo até a Europa do século XIX.

O Iluminismo e a Revolução Francesa ocorridos no século XVIII ocasionaram uma mudança profunda na estrutura social, econômica e política da Europa. Se na Idade Média houve o predomínio do misticismo e da tradição na Idade Moderna há o predomínio da razão. Na política o absolutismo, fazia com que a população sofresse com o pagamento de impostos altíssimos para sustentar os desperdícios de um monarca e sua corte.

O Iluminismo, formado por intelectuais, surge postulando que a razão e o racionalismo deveriam guiar o pensamento do homem. O Iluminismo francês pregava ainda que uma sociedade deveria ser livre da crença de Deus, das tradições e de superstições. Os iluministas defendiam ainda que uma sociedade deveria possuir valores fundamentais como liberdade, igualdade e que os governantes deveriam ser representantes do povo e escolhidos por esses, não por nenhuma divindade.

Tais ideias foram ganhando cada vez mais adeptos, principalmente as camadas dos burgueses que nesse momento detinham poder financeiro, mas sofriam com os desmandos da monarquia. A população em geral via sistema governamental democrático uma oportunidade para participar mais ativamente das decisões que lhe afetavam diretamente a vida.

Acontece a Revolução Francesa em 1789 e a Europa toma novos rumos. O governo liderado pelo povo assume um caráter tão violento e cruel quanto àquele que haviam lutado para demover do poder.

Além desses fatores, deve ser lembrado que os Estados modernos da Europa se formaram durante os séculos XI a XVI. Deve-se pensar que unificar locais que antes apresentavam línguas, costumes, tradições diferentes não é uma tarefa simples e que demanda muitos anos para que se chegue a uma convivência pacífica. Dito de outra maneira, não é simples transformar habitantes em cidadãos.

O século XVIII, com a Revolução Francesa é marcado por uma euforia que fortalece o sentimento nacionalista e uma busca pela construção e consolidação de uma identidade nacional. Nessa conjuntura, a Europa que já possuía um histórico de rejeição aos judeus e uma tendência de definir nacionalidade pautada no critério religioso, vai repelir judeus outras minorias de modo violento.

Ao que parece, o Iluminismo que tanto lutou contra a religião, não procurou derrubá-la no que tangia à definição de cidadania. Com a demanda de se separar o nacional do estrangeiro, mais uma vez o judeu é posto em cheque quanto à pertença ou não aos estados europeus. Por não serem de religião cristã, a nacionalidade lhes era negada e eram considerados habitantes de determinado país e não cidadãos dele.

Os judeus, principalmente aqueles que pertenciam à elite cultural, entraram em contato com os pensamentos Iluministas, tanto francês quanto alemão, e optaram pelo alemão, pois esse não postulava a não existência de Deus, mas o papel de Deus em uma sociedade laica e passaram a reivindicar direitos nos locais em que habitavam e pagavam impostos.

Para haver uma maior aceitação defendiam que o antissemitismo europeu era consequência da postura adotada pelos judeus mais religiosos que se confinavam em seus guetos e não participavam ativamente da vida social, econômica e cultural do país em que estavam objetivando resguardar a religião judaica.

Esse movimento ficou conhecido como “Haskalá” e seus defensores como “maskilim”. Eles defendiam que um judeu deveria ser judeu em sua casa e um cidadão europeu comum na rua. Tal pensamento foi encarado como assimilação pelos judeus religiosos e muitos movimentos de reação surgiram.

Um exemplo é o surgimento do “Chassidismo” que surge como um movimento de reação à “Haskalá”, pregando que a assimilação traria castigos ainda maiores ao povo judeu.

Para esse grupo de piedosos, deixar a Torá e as tradições aumentaria o sofrimento do povo judeu e não o contrário como defendiam os “maskilim”.

O tempo mostrou que o Iluminismo judaico havia se enganado, não era o isolacionismo dos guetos judaicos que estava na origem do antissemitismo europeu, mas em questões raciais definidas pela religião. O judeu por mais que se esforçasse, sempre seria visto como um elemento estranho e estrangeiro e cuja fidelidade ao país estava sempre em dúvida.

Sem pátria, os judeus da “Haskalá” começam a lembrar da terra onde um dia desfrutaram de autonomia civil e política: A Palestina, que nessa época fazia parte do Império Otomano. Surge então o movimento chamado de Sionismo.

As primeiras aspirações sionistas não eram políticas, mas culturais, pois o desejo era construir na Palestina um centro cultural que servisse de referência para os demais locais da diáspora.

Em 1880 acontece o caso Dreyfus em Paris, em 1881 inicia-se “pogrom” contra judeus na Rússia. Diante desses fatos, surge a figura de Theodor Herzl, esse percebe que assimilação cultural não era suficiente para amenizar a perseguição aos judeus e então, defende que os judeus devem ter, como qualquer outro povo do globo, uma nação onde possam exercer soberania e não serem vitimadas por outros países, por motivos raciais ou religiosos.

Em 1882 muitos judeus da Rússia e do Leste Europeu começam a imigrar para a Palestina. Herzl começa uma campanha buscando apoio para a criação de um estado judeu. Em 02 de novembro de 1917, o ministro inglês para assuntos estrangeiros, Arthur Balfour, envia ao Barão Rothschild, uma carta em que indica a intenção da Inglaterra em facilitar o estabelecimento de uma nação judaica na Palestina, isso se a Inglaterra conseguisse derrotar o Império Otomano.

As imigrações (alioth) continuam acontecendo, em 1922 chega ao fim o Império Otomano, a Palestina fica sob controle britânico que começa a impor restrições quanto à entrada de judeus no país, gerando assim, um desagrado tanto de judeus quanto de árabes já criando uma situação conflituosa no país.

A Segunda Guerra Mundial mostra de forma monstruosa ao mundo, até onde a Europa era capaz de chegar com o seu antissemitismo. Assim em 1948 as Nações Unidas votam pela partilha de dois Estados, um Estado Judeu e outro Palestino.

Conflitos imediatos surgiram com a população árabe local e com outros países árabes. A população judaica do recém Estado se une para lutar contra o perigo da aniquilação e, nesse

momento, as diferenças culturais, religiosas, étnicas são esquecidas em prol da defesa do país, que representava utilizando as palavras do próprio Amós, “um bote salva-vidas”.

O Estado que foi criado, como se pode verificar foi formulado e formado por judeus que tinham como referência cultural e política a Europa. A política, especificamente socialista russa. E, foi esse o regime político que vigorou até os anos setenta no panorama do Estado de Israel.

Como foram apresentadas sumariamente nos parágrafos anteriores as bases do movimento Sionistas não eram religiosas, tanto que se chegou a pensar no estabelecimento de um estado judaico em regiões da África ou América do Sul. Porém, a principal força motriz era resolver o problema da perseguição dos judeus.

O povo judeu possui com a Palestina uma relação não somente religiosa, mas também histórica. Esse povo já habitou a região por longos anos, até o século I da Era Comum. Pelo olhar religioso, essa terra foi prometida ao primeiro patriarca do povo judeu, Avraham. O movimento Sionista não fazia desse elemento um fator de reivindicação, mas para obter um maior número de adeptos, o movimento contou com a adesão de alguns rabinos para que convencessem o povo a deixar a Europa e ir para a Palestina sob a alegação de que a vida é um dom sagrado de Deus e protegê-la um dever de todo piedoso.

Essa presença religiosa sempre caminhou junto com o Sionismo secular de esquerda trabalhista. Com o passar dos anos, as guerras e uma crescente insatisfação populacional com os rumos que o país vinha tomando, no final da década de 70, 1979, acontece uma reviravolta nas eleições de Israel que faz chegar ao poder depois de 30 anos de governo da esquerda trabalhista, o partido Likud, de ideologia direita e religiosa.

Essa ideologia de direita intensifica a colonização de áreas conquistadas na Guerra dos Seis Dias: Colinas de Golã, Transjordânia, Península do Sinai e Jerusalém unificada. Adotam uma postura discriminativa em relação aos árabes que habitam o país, intencionando ter uma nação composta somente por judeus.

No romance *A caixa-preta*, o personagem que representa essa voz da sociedade é o atual marido de Ilana, Michael Sommo, veja-se a carta de Michel ao advogado Manfred Zakheim datada de 14/03/1976, em que Michel solicita contribuição financeira para adquirir um território destinado aos árabes pelas fronteiras anteriores a 1967.

Igualmente solicita-se uma contribuição no valor de noventa e cinco mil dólares americanos para a aquisição e reforma da Casa Alcalai, no bairro judaico da Hebron antiga (propriedade judaica tomada à força por



desordeiros árabes nos tumultos de 1929 e que agora tentamos retomar, não pela violência mas pelo pagamento do preço de mercado). (OZ, 2007, p. 20)

### A dissolução familiar

Apresentado o cenário em que se desenrolam as histórias de Amós Oz, passa-se agora a observar o que acontece dentro dessa paisagem.

Pesquisas recentes sobre relacionamento revelam uma tendência mundial para o aumento no número de divórcios. O filósofo Zygmunt Bauman, teoriza que atualmente as pessoas vivem em uma era “líquida” em que tudo é muito rápido, instantâneo e fugidio. As pessoas não estão mais dispostas a manter-se fiel a nada que dure por muito tempo.

Essa fugacidade nos relacionamentos entre seres humanos, principalmente se pensando uma relação como o casamento, que evoca a união de corpos que gera outro ser humano que necessita de cuidados para que se tenha um adulto capaz de desempenhar as tarefas exigidas pelo mundo e pela sociedade, produz angústia e sofrimento.

A família está na base de qualquer sociedade, pois é sua molécula, é a união do homem e da mulher, é o mínimo do corpo social. Havendo alterações aqui todo o restante também mudará. O divórcio constitui-se uma dissolução quando algo dá errado entre um homem e mulher que talvez escolheram o parceiro de modo irrefletido, por razões frívolas conforme observa a personagem Hana Gonen do romance *Meu Michel*, também de Oz.

- Você deve estar lembrando da história da Cinderela. O príncipe a escolheu porque ela tinha o menor pé do direito e ela o quis para irritar mortalmente a madrasta e as irmãs malvadas. Você não concorda que a decisão do príncipe e da Cinderela de formar uma família estava baseada em argumentos fúteis e infantis? Um pé pequeno. Michel, este príncipe era um grande tolo e a Cinderela, uma jovem tonta. Talvez tenha sido por isso que eles combinaram tão bem e viveram felizes para sempre. (OZ, 1982, p. 127)

Hana analisando o conto de fadas de maneira bastante subjetiva e que rompe com a tradição interpretativa ao trazer a questão dos alicerces sobre os quais repousam um casal. Segundo o olhar da personagem a manutenção de um casamento exige que os cônjuges sejam imbecis, fúteis, pois assim se anulariam o bastante para evitarem qualquer conflito ou rompimento.

O divórcio é o tema central do romance *A caixa-preta*, o título já evoca a questão de uma tragédia, pois a caixa-preta é um aparelho do avião que capta os últimos instantes antes da queda.

Pensar em divórcio leva a pensar sobre a importância do casamento e seus principais inimigos. Casar tem como pressuposto amor, fidelidade e compromisso. Exige um revelar

pensamentos, atitudes e jeito de ser e aí há o descobrimento de que há diferenças. Muitos não conseguem lidar com isso, e aliado com o tédio da rotina, muitos casamentos chegam ao fim.

A ideia de associação entre rompimento e tragédia revela a engenhosidade de Amós. Utilizando-se do corpo e da arte, o autor por meio dos personagens projeta para questões maiores e mais complexas existentes do real. Mais à frente será verificado como isso se dá na narrativa de forma estrutural, inclusive.

O divórcio nesse romance de Oz é apresentado como algo negativo, mas que em algumas situações é a única solução para se garantir a paz:

“Um garoto amargo e selvagem”, você me escreveu, a quem o ódio conferiu “uma força física espantosa”. (...) Lembro do canteiro de balas no jardim. O cemitério de borboletas. O labirinto e o parque de diversões que montou para a tartaruga. (...). A fuga dele para o uádi depois de um de seus suicídios. E como voltei uma vez à noite e encontrei na mesa da cozinha um isqueiro verde que não era meu, e bati em você com os punhos e de repente ele apareceu de pijama de astronauta e me pediu baixinho que parasse, porque você era mais fraca. Quando eu disse a ele “volte para a cama” e continuei a bater em você, ele atirou em mim um pequeno cacto e me atingiu no rosto, eu larguei você e o agarrei loucamente e bati a cabeça loira dele muitas vezes na parede. O revólver estava no meu bolso, eu podia atirar em vocês dois naquela noite e depois meter uma bala em mim mesmo. Na verdade eu fiz mesmo isso, e desde então nós três temos sido um sonho. (OZ, 2007, pp. 73-74)

Na brutal cena acima mencionada na carta datada de 02/06/1976, Alex descreve com detalhes uma briga que a ser modo de ver, ele matou, interiormente todos os integrantes daquela família. Esse desajuste que perturba a pureza da família e que afetou, principalmente, o filho que conforme análise da mãe se tornou “amargo” e “briguento”.

A aproximação entre os ex-cônjuges leva a um desenrolar mais suave e menos doloroso. O problema que ocorre neste romance é o fato de Ilana ter contraído outro casamento com Michel Sommo e com ele ter tido outra filha e na medida em que ela se reconcilia com o ex-marido se afasta do marido atual, Michel e da filha Yifat.

Essa troca de parceiros força Ilana a viver fragmentada entre a escolha dos ex-maridos e da guarda dos filhos. Esse romance de Oz mostra que a separação, seja provocada por diversos motivos nunca é positiva, para nenhuma das partes, é na unidade que surge o carinho e afeto capazes de trazer uma espécie de cura.

### Estrutura do romance

*A caixa-preta*, de Amós Oz, foi publicado a primeira vez em 1987, chegou ao Brasil em 1993 pela Companhia das Letras com tradução de Nancy Rozenchan. O romance é ambientado no ano de 1967 em um período de nove meses, preenchido por cartas, fax e anotações dos vários personagens. Foi traduzido para os seguintes idiomas: Traduzido em: Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Português, holandês, dinamarquês, sueco, finlandês, grego, checo, húngaro, japonês, esloveno, polonês, russo, norueguês, letão, croata, italiano, romeno, coreano, chinês, sérvio, búlgaro, eslovaco, turco, catalão (em breve em Malayalam e albanês).

Um pouco mais adiante segue um levantamento das correspondências, esclarecendo que devido ao espaço aqui disponível apenas foram computadas as cartas, não entrando, portanto os telegramas, anotações de Alex Guideon ou recortes de jornais e revistas com crítica sobre o livro escrito pelo professor Alex na Diáspora.

As correspondências assumem um papel de divã. Com as trocas de missivas, o casal Ilana e Alex volta ao passado e passam a limpo a estória de seu escandaloso e doloroso divórcio. Escandaloso porque o motivo da separação foi o adultério cometido por Ilana enquanto estava casada com Alex e por isso ele não assumiu a paternidade de Boaz.

1. Da decisão do tribunal Rabínico no caso de divórcio de A.A. Guideon versus Halina Brandstetter Guideon, Jerusalém, 1968: “[...] de acordo com isto estabelecemos que a pleiteante cometeu adultério, e isto de acordo com a confissão dela [...] perde a quantia de sua ketubá e alimentos [...]”.
2. Da decisão do Tribunal Regional de Jerusalém, 1968: “[...] quanto à demanda pela alimentação dela e do filho menor [...] devido à declaração do acusado que não é pai do menor [...] diante dos resultados inconclusivos do exame do tipo sanguíneo [...] o Tribunal sugeriu às partes que passassem por testes de classificação de tecidos [...] a pleiteante recusou-se a passar por este exame [...] também o acusado recusou-se a passar pelo teste de classificação de tecidos [...] e tendo a pleiteante recuado de sua demanda de pensão alimentar para si e para o menor [...] o Tribunal elimina a demanda dela depois que ambas partes declararam que de agora em diante nada mais têm entre si”. (OZ, 2007, pp. 43-44)

No fragmento acima verificamos que há muitas lacunas no documento de separação, isso demonstra como o passado ficou mal resolvido, inclusive as questões civis e que somente depois de sete anos a caixa preta da tragédia é revelada.

Você é mais forte que eu, da mesma forma que o sol é mais forte que a neve. Você já ouviu falar de plantas carnívoras? São plantas femininas, que sabem expelir a fragrância sexual a quilômetros de distância, e o pobre inseto é

arrastado para dentro da mandíbula que se fechará em torno dele. Acabou, Ilana. Xeque-mate. Como depois de um desastre de avião, sentamos e analisamos, por correspondência, o conteúdo da caixa-preta. (OZ, 2007, pp. 98-99)

As comunicações manuscritas e impressas, pois há fax e telegramas estruturam todo o romance e por suas leituras os personagens vão se dando a conhecer e são descortinados os motivos que levaram a dissolução do matrimônio.

As cartas começam em um tom formal com Ilana rompendo o silêncio e a distância, a princípio as cartas entre o ex-casal é distante, à medida que avança com os escritos o tom de Alex vai se tornando cada vez mais íntimo, pessoal e poético. Alex passa a se autodenominar com os apelidos que Ilana lhe atribui.

As missivas também mostram o caminho percorrido e as transformações apresentadas pelos personagens. Boaz começa sendo apresentado como um jovem violento sem perspectivas que termina mais calmo e consertando a propriedade do pai em Zichron Yaacov, criando um ambiente bucólico que remete aos personagens elaborados pelos escritores pertencentes à chamada “Geração do Estado”, em que eram fortes, loiros, saudáveis.

Boaz: queimado de sol, mais alto do que quando o vi da última vez em Jerusalém, os cachos de sua juba num tom dourado desciam abaixo dos ombros e tocavam os caracóis de seu peito, descalço e totalmente nu, à exceção do minúsculo short azul: Mogli, o menino lobo; Tarzan, o rei da selva. (Oz, 2007, p. 145)

É o personagem que no futuro poderá enfrentar Michel, politicamente. Suas concepções políticas são bem definidas e maduras, a ponto de sua mãe Ilana escrever para ele: “Você é melhor e mais puro do que todos nós”. (OZ, 2007, p. 197). Os valores humanitários que o jovem e belo Boaz defende são atemporais e o autor para reforçar isso, utiliza do seguinte recurso: nenhuma das cartas de Boaz são datadas.

Abaixo um inventário em que mostra os remetentes e destinatários e as datas, conforme foi observado o jovem não apresenta a preocupação de datar suas correspondências, em contraponto o personagem Michel data duas vezes: a judaica e gregoriana.

Data	Remetente	Destinatário
05.2	Ilana	Alex
18.2	Alex	Ilana
27.2	Ilana	Alex
7.3	Alex	Michel
14.3	Ilana e Michel	Manfred
20.3	Rahel	Ilana
28.3	Manfred	Alex

sem data	Boaz	Michel
16.4	Michel	Boaz
sem data	Michel	Boaz
23.4	Michel	Boaz
19.4	Ilana	Alex
2.5	Michel, Ilana, Yfat	Boaz
sem data	Boaz	Família Sommo
8.5	Rahel	Ilana e Michel
9.5	Michel	Alex
9.5	Manfred	Alex
14.5	Ilana	Manfred
15.5	Ilana	Alex
24.5	Ilana	Alex
2.6	Alex	Ilana
7.6	Manfred	Michel
10.6	Michel	Manfred
11.6	Ilana	Rahel
13.6	Ilana	Alex
18.6	Shlomo Zand	Manfred
28.6	Alex	Ilana
5.7	Manfred	Michel
sem data	Boaz	Michel e Ilana
17.7	Michel	Boaz
sem data	Boaz	Michel e Ilana
23.7	Alex-papai	Boaz
1.8	Rahel	Ilana
2.8	Ilana	Alex
4.8	Ilana	Rahel
9.8	Ilana	Alex
13.8	Manfred	Alex
15.8	Ilana	Alex
17.8	Rahel	Ilana
sem data	Boaz	Michel
15.8	Michel	Boaz
sem data	Boaz	Michel e Ilana
20.8	Manfred	Alex
31.8	Prosper Alihab	Janine Fucs
3.9	Michel	Alex
4.9	Alex	Michel
4.9	Michel	Alex
21.10	Ilana	Michel
28.10	Michel	Ilana e Alex

O personagem Michel Sommo, sefardita, atual marido de Ilana, politicamente, apresenta ideias que “pendem para direita”, no romance apresenta um caminho ascendente e corrupto e é arrolado entre os herdeiros de Alex. Isso demonstra uma antecipação da virada política que ocorreria em 1979, conforme já foi mencionado anteriormente.

Alex Guideon, nos inícios das correspondências está fora de Israel e se torna uma referência em assuntos de fanatismo. Ao contrário de Michel ele segue um caminho de degrado físico (seu corpo de gladiador, que se tornou tão magro e ossudo, OZ, 2007, p. 207), a doença o força a retornar para Israel para se tratar de um câncer. Durante o tratamento da doença, se hospedará na propriedade localizada em Zichron, local onde cresceu e que agora está sob o comando de Boaz, que a restaura lentamente e harmoniosamente, pois engloba todos os elementos da sociedade, até os híbridos: “Longe, junto ao curral das cabras, sua filha ria e gritava porque Boaz a montara sobre os ombros, sobre sua cabeça e, depois, em cima do burro.” (OZ, 2007, p.228).

A estada de Alex nessa propriedade demonstra a circularidade da existência, a volta aos começos, “porque foi nesta casa que ele cresceu. Agora voltou para morrer nela” (OZ, 2007, p. 233)

A convergência, porém não é completa, pois ao se aproximar de Alex, o atual marido Michel Sommo entra com o pedido de divórcio e toma a filha Yifat de Ilana. Ilana é uma personagem que utiliza uma linguagem poética ao narrar os problemas e se concentra em despertar no destinatário uma reação, como na resposta de Alex, sobre seu modo de escrever.

E eu ingenuamente pensava que o que houve entre nós já havia sido bem explicado nas duas ações no Tribunal Rabínico e no Tribunal Civil Regional. (...) Não tenho interesse no assunto (apesar de sua descrição estar muito bem escrita; talvez um tanto literária demais para o meu gosto) Também as sensações que a minha pessoa continua ou não a despertar em você não me afetam em nada. (Oz, 2007, p. 67)

Outro traço na personalidade de Ilana é a capacidade que ela possui de retornar aos dramas (você não se livrará de mim, Alec. Você não conseguirá comprar sua liberdade com dinheiro. Você não virará a página. OZ, 2007, p. 52) sem resolvê-los, mas apenas trocar os personagens. Isso conforma as palavras na introdução citadas por Amós que tudo é igual como “ontem”, “anteontem”. No capítulo a seguir tal afirmação se explicitará mais, pois serão comparadas a primeira carta destinada a Alex e a última destinada a Michel é possível perceber que alguns trechos poderiam ser direcionados a qualquer um dos dois ex-maridos.

Ilana é uma mulher rodeada de solidão por não saber manter um relacionamento durável com os que a cercam e assim estraga a vida dos filhos e do marido e é constantemente repreendida pela irmã Rahel a quem Ilana trata com ironia, pois essa personagem a todo instante procura fazer com que Ilana assuma uma postura de esposa e mãe convencional.

Querida e normal Rahel. E apesar de tudo, devo a você algumas linhas. Não respondi antes porque estive metida até agora nos problemas de Boaz”. (...) Obrigada por me lembrar outra vez dos meus deveres. Perdoe-me por todas as vezes que a ofendi sem razão. Você estava certa porque nasceu certa. De agora em diante terei um comportamento exemplar. (OZ, 2007, pp. 79,137)

Rahel desempenha um papel de voz na consciência de Ilana, por confrontá-la pelos atos impulsivos, a resposta de Ilana ao frisar a correitude da irmã, transforma Rahel num paradoxo, pois é impossível que o humano nasça correto.

Embora assuntos políticos apareçam e de modo polifônico, pois Amós concede voz a modos de pensar diversos: Michel, Boaz, Alex, Ilana representam cidadãos israelenses e suas perspectivas diferentes quanto ao país em que vivem e que podem em algum momento lutar entre si, assim escreve Alex para Michel Sommo, depois que esse o acusa de derramar sangue para construir o Estado de Israel:

Mas nada de sermões carolas, seu hipócrita que se atreve a gabar-se para mim de nunca ter derramado uma gota de sangue. De nunca ter tocado num fio de cabelo árabe. De estar redimindo a Terra Santa com suas lambidas. De expulsar todos os estrangeiros com exorcismos e milagres misturados ao meu dinheiro. De purificar o patrimônio dos antepassados com puro óleo de oliva. O senhor trepa com a minha mulher, herda a minha casa, salva o meu filho, investe a minha fortuna e ainda despeja postulados bíblicos contra minha falta de moral. O senhor me cansa. Irrita como um mosquito. O senhor não tem nada de novo para me oferecer. Há muito tempo deixei de me preocupar com gente de sua espécie e passei para tipos mais complexos. Pegue o dinheiro e caia fora da minha vista. (OZ, 2007, p. 237)

### CAPÍTULO III – PRIMEIRA E ÚLTIMA CARTA DE ILANA, COMENTÁRIOS

#### Primeira Carta

A seguir a transcrição de alguns fragmentos da carta datada de 05 de fevereiro de 1976, em que Ilana restabelece o contato com Alec Guideon. O motivo imediato seria os problemas comportamentais que o filho do casal, Boaz, vinha apresentando, principalmente o isolamento dos pais e violência e pequenos delitos.

“Dr. Alexander A. Guideon  
Departamento de Ciências Políticas

Universidade de Illinois  
Chicago, Illinois, EUA

Jerusalém, 5/2/76

Caro Alec,

Se você não destruiu esta carta no momento em que identificou a letra no envelope, é sinal que a curiosidade é até mais forte do que o ódio. Ou que o seu ódio necessita de combustível novo.

Agora você empalidece, comprimindo suas mandíbulas de lobo, até os lábios desaparecem, e joga-se sobre estas linhas para descobrir o que quero de você, o que ousou querer de você, depois de sete anos de absoluto silêncio entre nós.

O que eu quero é que você saiba que Boaz não está bem. E que você o ajude urgentemente. Meu marido e eu não podemos fazer nada porque ele não mantém nenhum contato conosco.

Agora pode parar de ler e jogar esta carta direto no fogo. (Por alguma razão sempre imagino você num aposento comprido, cheio de livros, sentado sozinho junto a uma escrivaninha preta, e diante de você, através da janela, estendem-se planícies vazias cobertas de neve. Planícies sem colinas nem árvores, neve brilhante e árida. Um fogo arde na lareira à sua esquerda, e um copo vazio e uma garrafa vazia estão sobre a escrivaninha vazia em frente a você. A imagem toda é um preto-e-branco. Você também: asceta, arrogante, alto, e todo em preto-e-branco.)(...) E não nego, Alec: continuo disposta a lambar as suas botas o quanto você quiser. Estou pronta a fazer tudo o que você pedir. E quero dizer: tudo. Apenas para que você salve o seu filho. (...)

Ilana (Sommo)" (OZ, 2007, p. 7)

À medida que vai escrevendo Ilana não consegue esconder que por trás de uma mãe que se esforça para obter um futuro melhor para o filho, há uma mulher que ainda guarda feridas de um rompimento mal resolvido, e em sua fala percebe-se uma ambiguidade no dizer da palavra "tudo".

Nessa palavra está incluído até favores sexuais. Pois para Ilana o sexo é uma forma de amenizar a dor: "Se a solidão aumentar, me entregarei a homens estranhos. Fecharei com força meus olhos e saborearei neles você e ele. (OZ, 2007, p. 262). Estas insinuações estão presentes em muitos momentos do texto. Criando uma narrativa cheia de prazer e lascívia.

A comprovação das segundas intenções de Ilana está explícitas na carta que ela escreve para Alex em 19 de abril de 1976, veja-se a transcrição:

Porque você não massacra, Alec: você pica. Seu veneno tênue e lento não mata de uma vez, mas me destrói e acaba comigo pouco a pouco. Seu silêncio prolongado, que tentei enfrentar durante sete anos, exorcizá-lo com os ruídos da minha casa nova. No oitavo ano, desisti. Eu não estava mentindo quando, em fevereiro, enviei a minha primeira e segunda cartas. Todos os detalhes que levei ao seu conhecimento sobre Boaz eram exatos, como Zakheim sem dúvida já lhe confirmou. Mesmo assim, era tudo mentira. Enganei você. Preparei uma armadilha para você. Em meu coração, eu tinha certeza desde o primeiro momento, que seria Michel quem libertaria Boaz dos seus problemas. Michel, não você. Realmente, assim foi. E eu sabia desde o primeiro momento que, mesmo sem o seu dinheiro, Michel faria a coisa certa. Na hora certa, do jeito certo. (OZ, 2007, pp. 46-47).



O trecho é revelado ser o problema de Boaz um alibi para que ela pudesse quebrar os sete anos de separação do marido que ela ainda ama e deseja.

Alterando o foco, é interessante observar como a israelense Ilana que ainda vive em Israel recorre a um israelense que fez “yeridá” e está nos Estados Unidos da América, onde escreveu o livro “A violência desesperada: um estudo comparativo do fanatismo”. E pelo distanciamento da realidade, Alex consegue alinhar a trajetória do jovem Boaz.

A experiência dolorosa é encharcada de sentimentos que por vezes obscurecem o entendimento. Por isso a necessidade da transcendência para resolução dos conflitos.

Ilana, embora seja uma mãe não muito convencional, ajuda o filho escrevendo ao pai. No momento em que ela, sai de sua realidade pacata, rotineira, que vivia ao lado de Michel, há um movimento da escancarar de feridas, dor, mascaradas sob o normal.

Amós Oz, não nega que há uma herança cultural e ética nos ensinamentos sagrados. O fato de que ao ajudar o outro, o ex-casal consegue superar desafios até então enterrados vivos, mas que ainda pulsavam e como uma bomba podiam explodir causando uma tragédia em escalas muito maiores.

Com sua escrita provocativa, na medida em que fica explicitando o que imagina do marido, Ilana conseguirá, ainda que desajeitadamente unir pai e filho na propriedade que foi uma das primeiras adquiridas por judeus no início da colonização do atual Estado de Israel.

As respostas de Alex a princípio são formais e repudiam algumas palavras de Ilana, porém ela insiste e poeticamente vai derretendo o gelo de Alex, que segundo ela a alma dele é feita de “desespero congelado” e ela o vence, pois Alex diz na carta de 28/06/1976: “ O triste é que meu ódio começa a sair de mim. Meu ódio está começando a ficar fino e cinzento, justamente como o meu cabelo. (...) Você tem útero – você tem a vantagem (OZ, 2007, pp. 97,109)

Ao se aproximar do ex-marido Ilana desencadeia uma ruptura com Michel, como se não fosse possível uma convivência entre askenazitas e sefarditas. No romance os askenazitas estão dispostos a conviver unidos com os sefarditas, mas devido à religião e não por divergências culturais, esses, no caso Michel fecha o livro com uma missiva que não deixa claro se ele perdoará ou não sua esposa Ilana.

A seguir a última carta de Ilana para o marido Michel, em que ela reinicia uma reconquista de um território perdido. A sina de Ilana é sempre a perde e a luta por reaver o que foi perdido. Segue a carta.

## Última carta

“Para Michel Sommo  
Tarnaz, 7  
Jerusalém

21 de outubro de 1976 (quinta-feira)

Querido Michel

Chove desde a noite passada. Havia uma luz cinzenta esta manhã nas janelas. No horizonte no mar brilham relâmpagos violentos, sem trovões. As pombas que até ontem arrulhavam hoje estão caladas, como atordoadas. Apenas o latido dos cães no pátio corta às vezes o ruído da água caindo. Novamente a casa grande está abandonada e totalmente apagada, com suas entradas, quartos, porões, sótãos, tudo foi outra vez entregue aos velhos fantasmas. A vida retirou-se para a cozinha: Boaz acendeu esta manhã um fogo grande e bonito com galhos na lareira. Diante deste fogo eles ficam sentados ou deitados em seus colchões, preguiçosos, cochilando, enchendo horas a fio o coração da casa vazia com melodias do violão e suas canções lentas. (...) Boaz os domina quase sem palavras. Envolto na capa que fez de uma pele de cordeiro, fica sentado no canto da cozinha, as pernas cruzadas, costurando sacos em silêncio. Nenhum trabalho o envergonha. Na semana passada, como se adivinhasse a chegada adiantada da chuva, consertou e limpou a chaminé da lareira. (...) Nas quatro últimas semanas, fiz para ele um pulôver, um gorro e um cachecol. Para Yifat, fiz luvas e uma malha. Vou tricotar também para você, Michel, um pulôver. Branco. Com listras. Quem está passando suas camisas? Sua cunhada? Sua prima? A companheira nanica que arrumaram para você? (...) Por meio do rabi Busquila você me informou por escrito que dará início ao processo de divórcio, alegando a lei da “mulher rebelde”, e disse que começara a recolher empréstimo para devolver “o dinheiro sujo de vocês”. (...) Perguntei-lhe se ele concordaria que você e Yifat viessem aqui, conforme o convite de Boaz. Alec sorriu secamente e perguntou se eu estava pensando em organizar uma pequena orgia aqui. E acrescentou “certamente, doçura, quartos é o que não faltam e eu pagarei a ele cem dólares por dia que se dispuser a ficar”. (...) ‘Você é mulher dele ou não?’

‘Sou. E também sua mulher.’

‘E a menina?’

‘Está com ele.’

‘Vá para ele. Vista-se e vá. É uma ordem.’

E depois, com tristeza, baixinho: ‘Ilana. Molhado’ (...) Boaz o carrega nos braços toda noite até o nosso quarto. Aprendemos com você a ter compaixão. (...) Você tem compaixão por Israel, por todas as antigas ruínas, por Boaz, por Alec, mas não de sua mulher e filha. (...) levantei e saí também para a varanda, para ver o que a chuva faz nos campos e lavar a dor da minha saudade de você, do cheiro de seu corpo peludo, o cheiro de pão e halva e alho. Da sua voz rouca de cigarro, da sua moderação decidida. Você virá? Trará Yifat? Ficaremos todos aqui. Aqui é bonito. Maravilhosamente sossegado. (...)

Se o moribundo gemer, se o frio o fizer estremecer, poderemos abraçá-lo, nós dois, um de cada lado, até aquecê-lo. Quando você me desejar, me deitarei com você e os dedos dele acariciarão nossas costas. Ou você o abraçará, e eu acariciarei vocês dois. Como você sempre imaginou: unido a ele e a mim. Unido nele a mim, em mim a ele. Seremos os três um só. E então, de fora, da escuridão, pelas fendas da persiana, virão o vento e a chuva, o mar, nuvens, estrelas envolver silenciosamente a nós três. E pela manhã meu filho e minha filha sairão com uma cesta de vime para colher rabanetes no jardim. Não fique triste. Sua mãe” (OZ, 2007, pp. 251-267)

A última carta de Ilana remete à imagem do ciclo que retorna, mas que muda, muito presente no modo de narrar de Amós Oz. Nessa correspondência, a personagem se dirige ao segundo marido, mas a circunstância é bastante parecida com a da primeira correspondência.

Não é um pedido de socorro para um terceiro, nisso divergem, mas convergem, pois nas duas existe o cuidado com os filhos, a incitação do ciúme, na primeira Ilana emula Alex narrando a superioridade de Michel, na última emula Michel com a superioridade de Alex. Chega a mencionar que é mulher dos dois.

A princípio, a sugestão dos três em um, pode parecer imprópria e vulgar. Elevando os personagens a um nível simbólico: Ilana: Eretz Israel; Michel: os sefarditas; Alex, Boaz: askenazitas; Yifat: a união de askenazita e sefardita, percebe-se nas últimas linhas da carta uma imagem poética bela, quase utópica, que em simples palavras apresentam a trajetória de constituição do país.

Dois askenazis tem um filho forte, grande, a princípio violento, o casamento os separa e isso leva um deles para longe. Um sefardita casa-se com a askenazita desprezada e com ela gera uma filha oriunda da união das duas culturas. E ao fim, todos terminam perto, aquecidos pela mãe.

A imagem de Ilana que tricota vestimentas de lã coloca-a em um patamar daquela que se julga uma mãe distante, mas ela que aquecerá e derreterá o gelo do inverno.

## CONCLUSÃO

Oz é um escritor capaz de narrar os mais complexos temas políticos e existências em uma linguagem poética e sensível. No romance *A caixa-preta*, pode ser notada a capacidade narrativa desse escritor israelense e se entende o número de prêmios que recebe e a influência que possui no cenário mundial.

Na modalidade de romance epistolar, os personagens do romance são apresentados pela visão de um terceiro, mas descritos com vivacidade e com dramaticidade, pois há diálogos inteiros, sem interferências do personagem-escrevente e com isso, o romance que pela modalidade poderia se tornar estático e enfadonho, segue uma evolução nas cartas que a cada leitura uma nova etapa da vida é revelada, ainda que a percepção venha fragmentada.

As cartas exigem tempo, o uso das mãos, do corpo, do curvar, o envio. Vai contra a instantaneidade e imediatismo da vida. Elas evocam um desaceleramento.

Na dança da narrativa de Oz os personagens ao descrever o lugar em que estão apresentam o real e como estava a sociedade israelense na década de 70. Esse mencionar no modo de escrever de Amós permanece no seu lugar de cenário, de ambiente, não ofusca os personagens e suas dores, seus questionamentos e busca pela resolução.

Foi visto que os personagens se relacionam com o lugar e são afetados por ele e por isso a leitura nos traz um desconforto, até físico, principalmente nas cartas em que se conta as brigas e as guerras em que Alex participou. O diálogo se mantém, pelas cartas e pelos vários intertextos presentes nas missivas.

Amós Oz valoriza o real que o torna mágico pela linguagem com que o descreve e por isso mexe, faz chorar e surge a vontade de levar os personagens para sempre na memória. Porque são vivos e contraditórios como todo leitor.

## REFERÊNCIAS

OZ, Amós. *A caixa-preta*. Tradução: Nancy Rozenchan. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 267 p

OZ, Amós. *Meu Michel*. São Paulo: Editora Summus, 1982  
[http://www.youtube.com/watch?v=0xodb7Z\\_zLo](http://www.youtube.com/watch?v=0xodb7Z_zLo) – acessado em 20/09/2013

## REFERÊNCIAS RECOMENDADAS

- OLIVEIRA, Leopoldo O. C. de. *O Sr. Máni*, de A. B. Yehoshua – considerações sobre a identidade judaico-israelense. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004
- Ensaaios sobre literatura israelense contemporânea. Organizado por Berta Waldman, Saul Kirschbaum. São Paulo: Humanitas, 2011
- ROZENCHAN, Nancy. *Literatura hebraica: vertentes do século XX*. São Paulo, 2004
- Antologia da Literatura Hebraica Moderna. São Paulo: Editora B'nai B'rith, 1969
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- AUSUBEL, Nathan. *Enciclopédia Judaica*. Conhecimento Judaico II. Volume 5. Koogan Editor, 1980
- HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. pp. 19 a 41
- GUSTAVO, Bernardo. *O livro da metaficção*. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010
- Escola e leitura: velha crise, novas alternativas. Organizado por Regina Zilberman e Tânia M. K. Rosinger. São Paulo: Global, 2009
- BRIGGS, Asa e BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet*. Tradução: Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- YEHOSHUA, Avraham B. *O Sr. Máni: romance em conversas*. Tradução Nancy Rozenchan. Rio de Janeiro: Editora Imago, 199